

# Comunicado 51

## Técnico

ISSN 1517-3887  
Dezembro, 2007  
Manaus, AM

### A Sigatoka-Negra em Helicônia

Luadir Gasparotto<sup>1</sup>  
Janay Almeida dos Santos-Serejo<sup>2</sup>  
José Clério Rezende Pereira<sup>1</sup>  
Rogério Eiji Hanada<sup>3</sup>  
Sebastião de Oliveira e Silva<sup>2</sup>  
Everton Hilo de Souza<sup>4</sup>

A sigatoka-negra, causada pelo fungo *Mycosphaerella fijiensis* Morelet, foi identificada afetando bananeiras em 1963 nas ilhas Fiji, mais precisamente na ilha Vite Levu, no Vale de Sigatoka, no continente Asiático, sendo que atualmente o patógeno está distribuído praticamente em todas as áreas produtoras de banana no mundo (Gasparotto et al., 2006). No Brasil, foi detectada em 1998, nos Municípios de Tabatinga e Benjamin Constant, no Estado do Amazonas, fronteira com a Colômbia e o Peru (Pereira et al., 1998). Atualmente encontra-se distribuída nos Estados do Acre, do Mato Grosso, do Pará, de Roraima, de Rondônia, do Amapá, de Minas Gerais, de São Paulo, do Paraná, do Mato Grosso do Sul, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (GASPAROTTO et al., 2006). De acordo com Gasparotto et al. (2005), até então, o fungo *M. fijiensis* era considerado um patógeno exclusivo de bananeiras, porém, em 2005, foi registrado no Amazonas causando manchas nas folhas da *Heliconia psittacorum* L.F. (Fig. 1), coletada nos municípios amazonenses de Presidente Figueiredo e Manacapuru.

O fungo *M. fijiensis* (fase teliomórfica), ou *Paracercospora fijiensis* (Morelet) Deighton (fase anamórfica), pertence ao filo Ascomycota, ordem

Mycosphaerellales, família Mycosphaerellaceae (Kirk et al., 2001).



Foto: Luadir Gasparotto

Fig. 1. Inflorescência de *Heliconia psittacorum*, hospedeira do fungo *Mycosphaerella fijiensis*.

Inicialmente, os sintomas na *H. psittacorum* (Fig. 2) são pontos cloróticos, mais facilmente perceptíveis quando o limbo foliar é colocado contra a luz. Posteriormente, ocorre expansão dos pontos cloróticos, dando origem a lesões ligeiramente arredondadas de coloração amarela na face adaxial e creme na face abaxial. Nesse estádio, as lesões são vistas mais facilmente na face adaxial. As lesões crescem radialmente e adquirem coloração marrom-clara com bordas proeminentes de coloração amarela na face

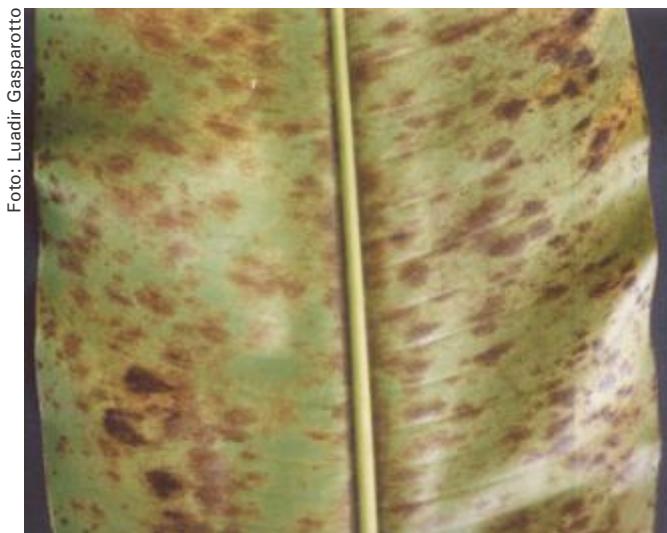
<sup>1</sup>Engenheiro agrônomo, D.Sc. em Fitopatologia, pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus, AM, gasparotto@cpaa.embrapa.br

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, D.Sc. em Melhoramento Genético de Plantas, pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, BA.

<sup>3</sup>Engenheiro agrônomo, D.Sc. em Biotecnologia, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Manaus, AM.

<sup>4</sup>Engenheiro agrônomo, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cruz das Almas, BA.

abaxial e amarelo-clara na face adaxial. Em seguida, na face abaxial, as lesões adquirem coloração marrom em toda a sua extensão, com subsequente redução do halo amarelo. Na mesma área correspondente, na face adaxial, forma-se uma coloração amarela mais intensa. A partir desse estádio, as lesões expandem radial e longitudinalmente e adquirem coloração marrom-escura na face abaxial e no centro, e marrom-clara com halo proeminente na face adaxial. Posteriormente, as lesões de coloração marrom-escura, de formato ligeiramente elíptico, podem coalescer, e o limbo torna-se marrom na face abaxial e clorótico em toda a extensão da face adaxial devido à coalescência de lesões com halo amarelo proeminente. Com o progresso, as lesões na face adaxial tornam-se marrom-claras. A partir desse estádio, inicia-se o amarelecimento do limbo foliar no sentido do ápice para a base. A face abaxial torna-se marrom a partir do ápice, e a face adaxial adquire tonalidade amarelo-intenso. Mesmo nos estádios finais da doença, não ocorre necrose do limbo foliar na área das lesões, e as lesões de coloração marrom-escura apresentam-se com formato alongado do tipo elipse. A senescênciâa não ocorre de forma individualizada na área correspondente à lesão, mas em todo o limbo foliar, que se mostra desidratado. Finalmente, todo o limbo adquire, na face abaxial, coloração palha (cinza com manchas castanhas marrom-acinzentadas), e na face adaxial, marrom-clara.



**Fig. 2.** Manchas em folha de *Heliconia psittacorum* causadas por *Mycosphaerella fijiensis*.

#### Comunicado Técnico, 51

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:  
Embrapa Amazônia Ocidental  
Endereço: Rodovia AM 010, Km 29 - Estrada  
Manaus/Itacoatiara  
Fone: (92) 3303-7800  
Fax: (92) 3303-7820  
<http://www.cpaee.embrapa.br>

1ª edição

1ª impressão (2007): 300 exemplares

Em trabalhos desenvolvidos em condições de casa de vegetação e de campo, por meio de inoculações artificiais e naturais com inóculo de *M. fijiensis* oriundo de bananeiras e da *H. psittacorum*, visando a avaliar a suscetibilidade das espécies *Heliconia rostrata* Ruiz & Pavón, *H. birai* (L.) L., *H. hirsuta* L., *H. augusta* Velloso, *H. chartaceae* Lame ex Barreiros, *H. spathocircinata* Aristeg., *H. librata* Griggs, *H. psittacorum* cultivar Red Opal e *H. stricta* Humber, constatou-se que apenas as espécies *H. hirsuta* e *H. psittacorum* (coletadas na floresta) foram suscetíveis à sigatoka-negra. As demais espécies, inclusive a cultivar *Red Opal*, não apresentaram sintomas da doença, ou seja, não foram infectadas por *M. fijiensis*.

Como é uma doença nova na cultura, não existem fungicidas registrados para o seu controle. Recomendam-se as seguintes medidas preventivas: 1) evitar o plantio de helicônias próximo a bananeiras atacadas por sigatoka-negra, pois estes podem atuar como fontes de inóculo; 2) eliminar todas as helicônias silvestres que estejam próximas e/ou no interior dos plantios comerciais de helicônias.

## Referências

GASPAROTTO, L. et al. **Sigatoka-negra da bananeira**. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2006. 177 p.

GASPAROTTO, L. et al. *Heliconia psittacorum*: hospedeira de *Mycosphaerella fijiensis*, agente causal da sigatoka-negra da bananeira. **Fitopatologia Brasileira**, v. 30, n. 4, p. 423-425, 2005.

KIRK, P. M. et al. **Dictionary of fungi**. 9. ed. Surrey, UK: International Mycological Institute, 2001. 655 p.

PEREIRA, J. C. R. et al. Ocorrência da Sigatoka Negra no Brasil. **Fitopatologia Brasileira**, v. 23, p. 295, 1998. Resumo.

**Comitê de Publicações** Presidente: Celso Paulo de Azevedo  
Secretária: Gleise Maria Teles de Oliveira

Membros: Carlos Eduardo Mesquita Magalhães, Cheila de Lima Boijink, Cintia Rodrigues de Souza, José Ricardo Pupo Gonçalves, Luis Antonio Koshi Inoue, Marcos Vinícius Bastos Garcia, Maria Augusta Abtibol Brito, Paula Cristina da Silva Ângelo, Paulo César Teixeira, Regina Caetano Quisen.

**Expediente** Revisão de texto: Carlos Eduardo M. Magalhães  
Normalização bibliográfica: Maria Augusta Abtibol Brito  
Editoração eletrônica: Doralice Campos Castro